

TURISMO EM ESPAÇO RURAL INICIATIVAS TRANSMONTANAS E PANTANEIRAS.

Suíse Monteiro Leon Bordest¹
Igues Waldérs Ferreira Izquierdo²

O tema proposto tem como objetivo trazer para reflexão no âmbito histórico e geográfico o assunto *turismo em espaço rural* como oportunidade de desenvolvimento local, capaz de promover a conservação do patrimônio ambiental e cultural do lugar.

Baseia-se em algumas impressões de viagens realizadas na região de Trás-os-Montes (Portugal) e em visitas de estudos ao Pantana¹ (Brasil), além de leituras de publicações voltadas ao assunto.

Conforme Novaes (2000) o turismo rural no Brasil vem se destacando em algumas ações isoladas e inovadoras, como é o caso de Lajes (Santa Catarina), no interior de Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, entre outros.

Concordamos com Rodrigues (2001) ao lembrar que apesar das diferenças entre os processos de implantação do turismo rural em Portugal e no Brasil, alicerçadas por fatores históricos, culturais, econômicos e políticos, existem algumas semelhanças, como: acentuado êxodo rural, o envelhecimento e a falta de perspectiva da população que permaneceu no campo, além das atividades não agrárias introduzidas, recentemente, no campo, como o turismo e lazer.

Sem dúvida, o Turismo em Espaço Rural TER, em Portugal, encontra-se em processo muito mais avançado, por vários motivos, entre eles, a injeção de capitais nos programas de desenvolvimento local, a partir da União Européia.

Entre os problemas do turismo rural brasileiro, um deles é a falta de um programa institucionalizado de investimentos que incentive o turismo e o lazer no contexto de um planejamento global, e mais especificamente, voltado para o Pantanal Mato-Grossense.

1 - Geógrafa. Doutora em Geociências pela UNESP, Campus de Rio Claro. Docente do PPG em Educação e do PPG em Geografia da UFMT. Membro do IHGMT.

2 - Licenciada em Línguas Neolatinas pela FAL. Lins - SP. Prof. da UF de Manaus.

A nossa participação nos *Cursos de Verão* em Universidades de Portugal, nos anos de 1998, 1999 e 2000, propiciou-nos informações e conhecimentos através de aulas, palestras e visitas *in loco* em aldeias, vilas e cidades do norte de Portugal, envolvendo pessoas e entidades protagonistas nos meios, acadêmico, político e empresarial, que alicerçam a nossa reflexão.

Com esta contextualização sobre o TER, damos início as rápidas considerações sobre algumas impressões e observações voltadas para as paisagens das duas regiões, especialmente distantes: Trás-os-Montes e Pantanal Mato-Grossense.

INICIATIVAS TRANSMONTANAS E O TURISMO EM ESPAÇO RURAL

Observando as experiências portuguesas do TER e como a Iniciativa Comunitária LEADER tem impulsionado o turismo em zonas rurais da União Européia, com um novo processo de desenvolvimento rural, deslocamos o nosso olhar entre Trás-os-Montes (Portugal), e o Pantanal Mato-Grossense (Brasil) e grotescamente resumimos nossas impressões:

Dois mundos distantes que, em suas trajetórias ao longo do tempo, expõem situações, marcadas por contradições, fazendo ecoar de suas entranhas forças que deixaram marcas nas paisagens naturais e humanizadas ou nas próprias vidas de suas gentes, e que apesar de tudo, nos ensinam a vislumbrar caminhos, que apontam para um devir de esperanças.

A experiência de *Trás os Montes, no norte de Portugal* nos possibilita descortinar a grandiosidade da cultura de sua gente e da beleza da sua paisagem física, fortemente marcada pela identidade regional.

Dizem que nessa região, com pedra e água a natureza fez uma grande obra. A mesma pedra e a mesma água que fizeram suas gentes. *Em nenhuma outra parte homem e lugar se soldaram tão prodigiosamente* diz Antonio Pires Cabral. Provérbios, lendas, danças e canções emanam destes homens que se cobrem de *croças*, de capas de honras em *burel*, e as mulheres de capuchos.

Dizem que em Trás-os-Montes há Terra Fria e Terra Quente. A Terra Fria, de planaltos e serras, de vales profundos e estreitos, de clima rude, terra que produz centeio, batata e castanhas. A Terra Quente produz oliveiras, amendoeiras, vinha, carne, lã e leite.

Percorrendo caminhos de aldeia em aldeia observamos múltiplos saberes e tradições na agricultura, no pastoreio, nos trabalhos manuais. Trás-os-Montes é

santuário de arte rupestre, de castros, de castelos medievais...que lhe confere forte identidade cultural. Nesse ambiente de Terra Transmontana, de vivências comunitárias muito ricas, que ainda hoje se mantém, podemos compartilhar de algumas de suas experiências para o Turismo em Espaço Rural, e que nos tem servido de referência.

INICIATIVAS PANTANEIRAS E O TURISMO EM ESPAÇO RURAL

O Pantanal Mato-Grossense, imbuído de forte identidade, detentor de complexa realidade natural e histórico-cultural, é uma extensa área transicional, entre os domínios do Cerrado no Brasil Central; do Chaco na Bolívia e Paraguai, e o Amazônico ao norte do país.

No dizer de Virgílio Corrêa Filho, citado por Costa Pereira (1963) *o Pantanal em Mato Grosso, não é simplesmente sinônimo de pântano, terreno brejoso, como definem os dicionários. Especifica-se a denominação, quando aplicada à vasta região antropogeográfica, de fisionomia singular, cujo relevo, cuja vegetação e economia resultam de atividades fluviais. Semelha-se de certa forma a imenso fundo de concha, sulcado pelo rio Paraguai e seus tributários, que imprimem à paisagem feições particulares com o ritmo de suas alagações anuais, quando se lhe misturam as águas em ampla coalescência, dilatada por léguas e léguas, a laia de imenso lago efêmero em que mal se distinguem os canais permanentes.*

A localização das terras pantaneiras, na porção central da América do Sul, com extensão de 140.000 km², associada a um ciclo anual de cheia e vazante, constitui um dos principais fatores responsáveis pela manutenção da sua biodiversidade e práticas culturais centenárias de sua gente. Tais condicionamentos sugerem feições de unidade e de imensidão.

Na verdade, o Pantanal está amplamente ocupado por pequenas comunidades ribeirinhas e por fazendas, algumas destas, centenárias, variando muito de tamanho, desde centenas até milhares de hectares. Sob o olhar de Sucksdorff, citado por Maldini (1995), Pantanal e pecuária seriam indissociáveis, na medida em que as terras baixas, formando um ambiente natural para animais com casco, caracterizam-lhe uma importante função ambiental: desse modo, o "idílico" e o "paradisíaco" dessa extensa planície são percebidos através da ação humana, ao contrário do que acontece com a floresta. É a presença do homem que confere à planície a imagem poética (no sentido de Bachelard).

Refletindo as vicissitudes da sua formação geológica e as condições

especiais do clima da região, o Pantanal resultou em uma diversidade de fisionomias e *habitats*, que levaram ao reconhecimento dos pantaneiros e estudiosos sobre os vários tipos de pantanais: Pantanal do Cuiabá, Pantanal do São Lourenço, Pantanal do Taquari, Pantanal do rio Negro, Pantanal de Aquidauana, Pantanal de Miranda, Pantanal de Corumbá, Pantanal de Nabileque, Pantanal do Tererê, Pantanal do Rio Apa. O Pantanal Mato-Grossense vivenciou vários ciclos econômicos, tais como o açúcar, cachaça, ipeca, gado e extrativismos diversos, mas foi pela interação dos sertanistas com os índios guatós e guaicurús que nasceu o entendimento e a capacidade de adequar-se ao meio. Desta forma foi possível implantar a pecuária na planície inundável, que se tornou sua única economia estável e permanente até os nossos dias. Assim, a planície representou no passado um grande papel no abastecimento de carne para outros estados do país.

Os atuais problemas da pecuária pantaneira, decorrentes de motivos diversos: econômicos, políticos, sociais, ambientais, é uma realidade, e necessita de soluções. A diversificação da sua economia se impõe.

O Pantanal, que tem na sua exuberante riqueza natural e cultural um estoque de alta potencialidade para o desenvolvimento do TER, aguarda projetos bem intencionados, que se bem implementados, poderão vir a complementar a pecuária tradicional ou modernizada.

Ao mesmo tempo, as preocupações com estas terras ainda pouco conhecidas, voltam-se contra o sentimento de *cobiça* de aventureiros, quiçá, pretensos empresários de turismo que em troca de quinquilharias, poderão dar início a uma pilhagem da natureza devastando interações ecossistêmicas e culturas tradicionais em troca da artificialidade.

Na verdade, o que se propõe são atividades turísticas responsáveis que, além de alternativa econômica aos empreendedores, garantam o desenvolvimento com sustentabilidade de seus habitantes, e promovam a conservação do patrimônio ambiental e cultural do lugar.

Do ponto de vista do turista, lembram Bordest et al. (1999), em áreas rurais pantaneiras, além de condições favoráveis ao seu descanso, as pessoas podem através da contemplação da natureza, apreciar a revoada e ouvir o canto dos pássaros, ao amanhecer e entardecer, observando os animais e plantas de ambientes alagáveis; podem praticar atividades, como: passeios de barco, caminhadas em trilhas, pescarias, cavalgadas; ou participar da lida diária do pantaneiro; pode ainda, compartilhar das tradições comunitárias: danças, lendas e crenças, e degustar uma típica alimentação do Pantanal, em ambiente de rara beleza.

Nesse contexto, especial atenção deve ser concedida aos autóctones pantaneiros (Bordest, 2002), legítimos representantes locais e guardiões do Pantanal. De certa forma, são eles, que em simbiose com todas as demais espécies, dão vida à planície que palpita nesse espaço geográfico. Espaço, que, conforme Costa Pereira (1963) constitui a nota característica da fisiografia mato-grossense.

Finalizando, longe da panacéia que costuma envolver a discussão do assunto Turismo, desviando a atenção de questões essenciais para um excesso de otimismo, as experiências que já vêm dando certo, em algumas áreas rurais no Brasil e em outros países, levam-nos a acreditar num porvir de sucesso para o desenvolvimento do TER no Pantanal Mato-Grossense.

Voltando ao objetivo inicial do texto, entendemos que aquilo que nos une nesta reflexão sobre estas duas regiões de nações distintas e distantes, é a possibilidade de desenvolvimento do TER no Pantanal na escala do Desenvolvimento Local, evitando os erros do passado.

Ao encerrar, registramos sinteticamente nossas impressões sobre o turismo no Pantanal na virada do milênio:

O TER é uma atividade que, apenas se inicia em nosso país. Alguns proprietários de terras dos Pantaneiros começam a desenvolvê-la. O TER tem encontrado mais resposta no Município pantaneiro de Poconé, enquanto nos outros, a demanda maior é para atrativos em outras modalidades de turismo. Em Cáceres destaca-se o Turismo de Pesca, onde o atrativo maior está nos piscosos e grandes rios, favorecendo diferentes tipos de pesca. Este fato é também o chamativo dos grandes festivais, que determinam e priorizam suas ações para a captação de eventos. Em Barão de Melgaço, além da pesca em rios, baías e lagoas, o turismo esportivo, (de get ski, barcos) desperta atenção do visitante de cidades vizinhas. Estas atividades caracterizam o Turismo de Massa, que reúne grande quantidade de pessoas em torno de um atrativo. Já, o TER tem atraído mais o turista estrangeiro, que em geral vem em pequenos grupos, buscam os pequenos hotéis ou pousadas no meio pantaneiro, fatos mais frequentes em Poconé e Barão de Melgaço. Na Transpantaneira, estrada para Poconé, a preferência é para o lazer ou “turismo de um dia”, mas as pousadas aí instaladas recebem principalmente turistas estrangeiros. Em Leverger, o Turismo de massa é determinado pela proximidade da capital e procurado pelas praias, pesca e culinária. Aí, a principal atração fica para o carnaval típico ao ar livre, que vem sendo disputado com a vizinha cidade de Livramento. Podemos dizer que o Turismo em Espaço Rural englobando o Ecoturismo e o Turismo Cultural encontra-se em processo no Pantanal Mato-Grossense.

BIBLIOGRAFIA

BORDEST, S.M.L.; MACEDO M.; PRIANTE, J.C.R. **Matutando Turismo**. Cuiabá: EdUFMT. 1999.

BORDEST, S.M.L. **Potencialidade Turística de Mimoso e o Olhar do Autóctone**. Cuiabá: Gráfica Print, 2002.

COSTA PEREIRA, J. V. da **Pantanal**. In: Tipos e Aspectos do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1963.

GONZÁLES, R. R. **La Escala Local Del Desarrollo**. Definición y Aspectos Teóricos. In: Revista de Desenvolvimento Económico. Ano1. N.1 Novembro de 1998. Salvador, BA. p. 5-15.

MALDI, M. **Pantanais, Planícies, Sertões: uma reflexão antropológica sobre espaços brasileiros**. Revista mato-grossense de geografia. Dep de Geo. do ICHS/UFMT, Cuiabá: EdUFMT, 1995. p. 74-102

RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo Rural: Práticas e Perspectivas**. São Paulo: Contexto. 2001. (Coleção Turismo, Contexto)